



# De heranças e espectros na literatura brasileira contemporânea

MÔNICA GOMES DA SILVA  
EMERSON CERQUEIRA RIBEIRO  
MARIANA BRITO LOYOLA DOS SANTOS

Of heritages and specters in contemporary  
brazilian literature

**PALAVRAS-CHAVE**  
A NATUREZA DA MORDIDA.  
CARLA MADEIRA.  
LEITURA LITERÁRIA.  
ROMANCE.

**KEYWORDS**  
A NATUREZA DA MORDIDA.  
CARLA MADEIRA.  
LITERARY READING.  
NOVEL.

1  
Financiamento: Programa  
Institucional de Bolsa de  
Extensão Universitária  
(PIBEX-UFRB).

**RESUMO** O presente artigo situa-se a partir dos resultados, reflexões e aprendizagens do Ciclo de Leitura - LEIA para viver! (3), dedicado à escritora Carla Madeira (1964). O ciclo propôs a discussão dos três romances da autora, Tudo é Rio (2014), A Natureza da Mordida (2018) e Véspera (2022), tendo como perspectiva as questões pertinentes à herança literária e seus espectros no contexto da literatura brasileira contemporânea. Para tanto, o projeto utilizou como referencial teórico relevante as obras de Leyla Perrone-Moisés (2016) e Antonio Candido (2011a), sobre as características dessa literatura recente; bem como os estudos de Antonio Candido (2011b) e de Rildo Cosson (2019), sobre o direito à literatura e o ensino da leitura literária; além de outros trabalhos sobre a contemporaneidade e a obra da autora. Ao longo dos sete encontros, realizados via Google Meet, os participantes puderam trazer contribuições sobre os temas abordados, além das partilhas das experiências de leitura, resultando em uma amostra dos resultados obtidos, evidenciando o impacto no fortalecimento da leitura crítica e no acesso às obras. Assim, este trabalho se volta para a apresentação dos resultados do Ciclo, com destaque para a análise do romance A natureza da Mordida.

**ABSTRACT** This article is based on the results, reflections, and learnings from the Ciclo de Leitura - LEIA para viver! (Reading Cycle) (3), dedicated to the writer Carla Madeira (1964). The cycle focused on discussing the author's three novels: Tudo é Rio (2014), A Natureza da Mordida (2018), and Véspera (2022), from the perspective of issues related to literary heritage and its nuances in the context of contemporary Brazilian literature. To this end, the project utilized as key theoretical references the works of Leyla Perrone-Moisés (2016) and Antonio Candido (2011a), addressing the characteristics of recent literature; as well as the studies of Antonio Candido (2011b) and Rildo Cosson (2019) on the right to literature and the teaching of literary reading; in addition to other works on contemporary literature and the author's oeuvre. Throughout seven meetings conducted via Google Meet, participants shared contributions on the topics discussed, alongside personal reading experiences, culminating in a sample of results that highlighted the impact on strengthening critical reading skills and access to literary works. Thus, this article presents the outcomes of the Ciclo, with particular focus on the analysis of the novel A Natureza da Mordida.

**MÔNICA GOMES DA SILVA**

*Prof.<sup>a</sup> Adj. de Literatura Brasileira no  
Centro de Formação de Professores da  
Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia (CFP-UFRB).  
E-mail: mgs@ufrb.edu.br*

**EMERSON CERQUEIRA RIBEIRO**

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação  
em Letras: cultura, educação e linguagens  
DA Universidade Estadual do Sudoeste da  
Bahia (PPGCEL/UESB).  
E-mail: emersonribeiro@aluno.ufrb.edu.br*

**MARIANA BRITO LOYOLA DOS SANTOS**

*Disc. do Curso de Licenciatura em Letras  
no Centro de Formação de Professores da  
Universidade Federal do Recôncavo da  
Bahia (CFP-UFRB).  
E-mail: marianabritoloyola@aluno.ufrb.edu.br*

**INTRODUÇÃO** “Se, como vimos, é o contemporâneo que fraturou as vértebras do seu tempo (ou, ainda, quem percebeu a falha ou o ponto de quebra), ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações” (Agamben, 2009, p. 71, grifo nosso).

O *Ciclo de Leitura – LEIA para viver!*, projeto de extensão integrante das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes), em sua terceira edição destinou-se a apresentar e analisar os romances de Carla Madeira. A escritora, mineira de Belo Horizonte, com formação em Jornalismo e Publicidade, estreou na literatura em 2014, com a obra *Tudo é rio*, que teve uma grande repercussão nos anos seguintes, conquistando leitores de todas as idades. Em seguida, ela lançou mais duas obras, *A natureza da mordida* (2018) e *Véspera* (2022). Em 2023, tornou-se a autora mais lida no Brasil

(Marques, 2023). *Tudo é rio* foi agraciado com o prêmio Bertrand, em 2024, sendo eleito o livro do ano de maior sucesso editorial.

Pensar a obra de Madeira vai além do sucesso de vendas e das menções midiáticas da autora. É importante ressaltar a sua inserção na literatura contemporânea e a forma como os autores, deste início de século, evocam a tradição da chamada “alta modernidade”, num sentido intempestivo, conforme estuda Giorgio Agamben (2009). Na perspectiva do filósofo italiano, ser contemporâneo é possuir a capacidade de desvelar o que ninguém consegue/quer perceber, colocando em evidência aspectos sombrios da época vivida a partir de uma relação especial entre o presente e o passado:

Pertence a seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que outros, de perceber e compreender o seu tempo (Agamben, 2009, p. 58-59).

O artista/intelectual possui o compromisso, partindo duma fratura instaurada no tempo, de corresponder a uma exigência ética, ainda que não possua as respostas para os impasses e desafios encontrados. Assim, o contemporâneo tem um ângulo de visão especial quanto aos vestígios, sobreposições e coincidências entre o momento presente e o momento passado, entendendo como essas permanências seguem ecoando e influenciando na atualidade. Essas sobrevivências de rastros do passado são vistas como uma herança que, dialeticamente, pode ser entendida como legado, ou seja, algo benfazejo, bem a ser usufruído, ou, então, um espectro, uma presença que assombra e lembra as perdas e maldições (Perrone-Moisés, 2016). Nessa duplicidade, a arte contemporânea faz sua moradia ao ressignificar procedimentos, símbolos e temas, fundindo-os em novas combinações.

Desse modo, a atividade extensionista do ciclo de leitura reflete a importância de se ter uma intersecção com tradição literária – lê-se, aqui, aqueles escritores com notável legado crítico e importância para a literatura brasileira – com um alcance massivo de leitores na expressão hodierna. Ademais, a força de Carla Madeira não está somente nos espectros herdados; implica, também, como esse fundamento literário se acopla ao estilo e marca da escritora no tempo presente, ajudando a definir um lugar na literatura contemporânea. Evidencia-se, de tal modo, um diálogo produtivo e interdisciplinar a que se serviram os encontros do Ciclo de Leitura.

Sendo assim, tendo como base a descrição e a discussão o *Ciclo de Leitura*, o artigo analisa a relação que o artista contemporâneo estabelece com a tradição literária, tendo como recorte, no *corpus* trabalhado pelo Ciclo, o romance *A natureza da mordida*. O trabalho se estrutura, além da introdução e das considerações finais, na seção metodológica, na qual consta o percurso para a construção e a execução do ciclo; o referencial teórico, fundamentando as questões no que tangem à tradição, aos espectros e à herança literária na literatura contemporânea brasileira e, por fim, os resultados e discussões produzidos pelo projeto acerca da obra de Carla Madeira, com ênfase na análise do romance selecionado.

## METODOLOGIA

há [...] conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (Candido, 2011b, p. 178, grifos do autor).

O terceiro ciclo de leitura teve dois procedimentos metodológicos principais. O primeiro concernente ao levantamento bibliográfico, a fim de contemplar os assuntos pertinentes à proposta apresentada: o processo de constituição do sujeito leitor, em especial, a importância da leitura literária na formação de futuros professores; a universidade como local de formação do leitor e como ambiente de oferta de bens culturais; a noção de fruição estética; a vinculação entre artes e direitos humanos; a metodologia de pesquisa e artigos científicos. Além de bibliografia específica sobre as artes e as literaturas contemporâneas e a fortuna crítica relativa às obras de Carla Madeira.

O segundo procedimento metodológico diz respeito à elaboração e aplicação das ações a fim de promover a leitura literária, priorizando a fruição estética e a capacidade de formação humana a partir da fabulação. Para isto, houve um período para o planejamento e a organização dos encontros entre a coordenadora do projeto e os estudantes integrantes da ação.

O projeto contou com o financiamento do Programa Institucional de Bolsa de Extensão Universitária (PIBEX), com um estudante bolsista e uma estudante voluntária. Ambos auxiliaram na divulgação do evento e na interlocução acadêmica durante as apresentações, seja por meio da função de debatedor, no caso do bolsista, seja através da monitoria, no caso da voluntária. Em relação às atividades concernentes ao estudante bolsista, contam-se a submissão de resumo e de apresentação de comunicação oral no VIII RECONCITEC - 2024, com os resultados parciais do projeto. Incluem-se, ainda, a redação dos relatórios e a elaboração do produto final – no caso, este artigo – como parte dos requisitos da bolsa.

Participaram, igualmente, do projeto, três professores debatedores, assegurando o viés inter e multidisciplinar da proposta, através das contribuições da pedagoga Erica Bastos da Silva, do historiador Fernando Henrique Tisque e da filósofa Giovana Temple. Os debatedores ampliaram o arco das discussões no que tange à condição feminina no Brasil de meados do século XX aos dias de hoje, permitindo estabelecer paralelos da literatura, especialmente, com a história e a filosofia.

A elaboração das ações pertinentes à construção e à discussão do referencial teórico ocorreu entre os meses de junho e agosto de 2024. Ao longo do projeto, os estudantes participaram da seleção das temáticas trabalhadas no ciclo de leitura, – entre as quais, as intertextualidades constitutivas dos romances, a condição feminina, a família, os traumas, a relação entre os afetos e o corpo – e foram orientados no processo de leitura de textos teóricos e das obras literárias selecionadas. A organização do ciclo aconteceu em agosto de 2024, quando se delineou a estrutura de apresentação dos três romances

de Madeira.

Foram realizados sete encontros, que ocorreram entre 10 de setembro e 22 de outubro de 2024, sendo divididos em duas etapas: um momento inicial dedicado à apresentação da organização do ciclo de leitura e a discussão sobre as características da arte contemporânea, a partir da instalação *Celacanto provoca maremoto* (2004-2008)<sup>2</sup> de Adriana Varejão (1964) e do filme *Retratos fantasmas* (2023) de Kléber Mendonça Filho (1968), bem como o panorama da literatura contemporânea brasileira no início deste século; um segundo momento voltado para a leitura dos romances de Carla Madeira, com dois encontros para cada obra literária.

A duração dos encontros, realizados virtualmente, foi de duas horas de atividades síncronas, destinando igual carga horária para as atividades assíncronas que compreenderam a leitura dos romances e, eventualmente, a assistência de produção fílmica. Eles foram estruturados a partir da proposta de Rildo Cosson (2019) sobre o ensino de leitura literária. Conforme ressalta o autor, a leitura é um “ato solidário”, em suma, um processo dialógico: “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço” (Cosson, 2019, p. 27).

Neste sentido, a dinâmica dos encontros se concentrou em propiciar momentos de diálogo entre os participantes das atividades com vistas a estabelecer uma “comunidade de leitores”, trabalhando as especificidades da leitura literária, entendida como aquela que possui “os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (Cosson, 2019, p. 30). Para tanto, colocou-se como fio condutor o jogo de linguagem, que constitui toda a literatura e é o fator preponderante para a humanização. Relembrando Antonio Candido, forma e conteúdo, na literatura, apresentam-se numa “fusão inextricável”, em que o “conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere” (Candido, 2011b, p. 180).

Esta compreensão orientou a leitura realizada em cada encontro, dividindo-o em dois momentos principais: uma breve apresentação dos temas principais da obra em paralelo com os procedimentos literários para expressá-los – equivalentes às etapas de Motivação e Introdução (Cosson, 2019, p. 54-60) – seguidas da leitura e da discussão de trechos selecionados dos romances – correspondendo, portanto, às etapas de Leitura e Interpretação (Cosson, 2019, p. 62-64).

Para o primeiro momento, recorremos a outros textos literários, músicas, filmes, discussões filosóficas/históricas para a apresentação da temática preponderante de cada romance, de modo a ativar o repertório de conhecimentos prévios dos leitores e, assim, ajudar a “entrar” no texto literário. Na sequência, destacaram-se os elementos estruturais da narrativa, abordando a fatura textual e como a romancista realiza um cuidadoso trabalho artístico, desde a escolha do título, epígrafes, o uso de figuras de linguagem e a tessitura de uma rede metafórica/alegórica para cada romance, a caracterização dos personagens, a construção da voz narrativa e a organização dos

2  
Cf.: Adriana Varejão, *Celacanto provoca maremoto*, 2004-08, óleo e gesso sobre tela, 110 cm x 110 cm cada, 184 peças. Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/celacanto-provoca-maremoto/>>. Acesso em 04 set. 2024.

capítulos, etc.

No segundo momento, foi realizada a leitura de trechos que estivessem dentro das temáticas discutidas, previamente, e o compartilhamento das interpretações dos participantes foi acontecendo de forma processual, seja a partir de questões demandadas pela coordenadora e/ou pelos debatedores, seja de modo espontâneo quando eram feitas intervenções, dos participantes, em trechos polêmicos e de forte impacto, especialmente, aos que se referem à violência infantil e contra a mulher.

Talvez, a abordagem “demasiada humana” que constitui a obra de Carla Madeira ajude a compreender seu imenso sucesso editorial e foi um dos aspectos mais enfatizados pelos participantes do ciclo. Assim, os romances da autora se revelam uma “aventura” intensa de problematização do real, como bem formula Antonio Candido (2011b, p. 177-178):

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] A respeito desses dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade.

Ademais, a avaliação das experiências de leitura dos participantes foi registrada por meio de um formulário *on-line* no Google Forms<sup>3</sup>. O questionário foi estruturado com questões objetivas e espaços para comentários livres. O instrumento buscou mensurar a satisfação dos participantes e identificar sugestões para aprimorar ciclos futuros, além de avaliar o cumprimento dos objetivos propostos, como o aprofundamento do conhecimento sobre as obras de Carla Madeira e a promoção de diálogos entre literatura e outras artes. As perguntas objetivas abordaram aspectos como inscrições, dinâmica dos encontros, material utilizado e expectativas atendidas, enquanto as questões abertas exploraram contribuições qualitativas sobre o impacto do ciclo.

Os dados foram analisados por métodos estatísticos descritivos para respostas objetivas e a análise de conteúdo para os comentários qualitativos, o que possibilitou a categorização de temas recorrentes e sugestões relevantes. A elaboração do instrumento considerou as especificidades do público a ser atendido pelo projeto, formado por estudantes, docentes e entusiastas da obra de Carla Madeira, assegurando clareza e adequação nas perguntas. Os resultados permitiram uma visão abrangente sobre o sucesso do ciclo e identificaram caminhos para o seu aperfeiçoamento, conforme tratamos na seção de resultados e discussões.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O herdeiro deve responder a uma intimação dupla e contraditória: reafirmar o que veio antes e se comportar livremente com respeito ao passado [...] Mas os vivos devem falar com os espectros (Perrone-Moisés, 2016, p. 52-168).

3 Disponível em: <[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdfaSN7gP-CxZOlrDZBbtRrrvT13gLy47dW\\_DhyBQCCckp8Dew/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdfaSN7gP-CxZOlrDZBbtRrrvT13gLy47dW_DhyBQCCckp8Dew/viewform)>. Acesso em 02 dez. 2024.

Considerar e refletir sobre a contemporaneidade, na literatura, é crucial para analisar as obras de Carla Madeira, suas temáticas e a tessitura textual que a singularizam, ao mesmo tempo que as ancoram num diálogo profícuo com a tradição literária. Desse modo, ser contemporâneo significa relacionar-se, intempestivamente, com o seu tempo, instaurando um modo especial de se situar no presente, através da distância gerada por uma postura inquieta e crítica:

Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico; é no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é, também, um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós (Agamben, 2009, p. 65-66).

É em termos de urgência diante do real – traço distintivo da arte contemporânea – que Antonio Candido relacionou à narrativa brasileira das décadas finais do século passado. No ensaio “A nova narrativa” (2011a), Candido estuda o panorama da prosa de ficção no Brasil, indo do século XIX até a década de 1970, e assinala o processo de transformação pela qual ela passava, em 1979 (quando o texto é proferido pela primeira vez), e distingue as características que, posteriormente, ajudariam a definir a literatura contemporânea brasileira. Primeiro, o autor detecta a superação das disjunções – entre o geral *X particular*, *esquerda X direita*, *social X intimismo*, *popular X erudito* – que caracterizavam a prosa de ficção até a década de 1950:

Pontos como estes, antes controversos, já não têm sentido com relação a livros marcados por uma experiência abrangente, segundo a qual a tomada de partido ou denúncia são substituídos pelo modo de ser e existir, do ângulo da pessoa ou do grupo (Candido, 2011a, *idem*, p. 249).

Paulatinamente, ganham força duas tendências que formam a “nova narrativa”: a primeira expressa uma “espécie de notícia crua da vida” (Candido, 2011a, p.255), nos passos do “realismo feroz” de Rubem Fonseca (1925-2020); e a segunda de viés memorialista (Candido, 2011a, p. 259), a exemplo do ciclo autobiográfico de Pedro Nava (1903-1989). A primeira tendência, identificada como a “literatura do contra” (Candido, 2011a, p. 256), prima pela reinvenção da escrita, marcada não mais pelo registro que preza a forma bem polida, bela, simétrica e harmoniosa; entra em voga uma narrativa do impacto, o qual o mero alumbramento contemplativo é colocado em outros planos. A natureza experimental e dialética passa a ter o intuito de “causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetram com vigor mas não se deixam avaliar com facilidade” (Candido, 2011a, p. 258). A segunda tendência vai no sentido oposto ao apresentar uma “escrita antes tradicional, com ausência de recursos espetaculares, aceitação dos limites da palavra escrita, renúncia à mistura de recursos e artes, indiferença às provocações estilísticas e estruturais” (Candido, 2011a, p. 259). Destarte, essas duas tendências que caminhavam, em paralelo, passam cada vez mais a convergir no panorama literário de fim do século XX e início de século XXI:

a ficção contemporânea não pode ser entendida de modo satisfatório na clave da volta do engajamento realista com os problemas sociais, nem na clave do retorno da intimidade do autobiográfico, pois, nos melhores casos, os dois caminhos convivem e se entrelaçam de modo

paradoxal e fértil (Schøllhammer, 2011, p. 16).

Ao retomar as tendências da literatura brasileira contemporânea, é possível postular algumas hipóteses a respeito do sucesso editorial de Carla Madeira, principalmente, a partir da sua inserção neste panorama. A confluência das tendências surpreendidas por Candido, ainda em estágio embrionário, seja duma escrita que penetra com intensidade no real, mas também pela recorrência a formas tradicionais de prospecção intimista, está na base dos romances da escritora mineira. Logo, suas obras aliam o melhor das duas vertentes: o experimentalismo formal junto ao entreccho de elaborada “disposição imaginosa”.

Coadunando-se às reflexões de Candido e Schøllhammer, Leyla Perrone-Moisés, em seu livro *Mutações da literatura no século XXI* (2016), destaca que a literatura contemporânea segue em processo de contínua transformação, reforçando o seu caráter intervalar, de “‘pré’ alguma coisa que ainda ignoramos” (Perrone-Moisés, 2016, p. 49). Embora seja difícil, em um cenário tão cambiante, definir características precisas para a literatura de ficção deste início de século, a autora destaca que a prosa contemporânea “prolonga a experimentação praticada na alta modernidade sem, no entanto, repeti-la; ela já assimilou as conquistas do século passado” (Perrone-Moisés, 2016, p. 238).

Nesse sentido, a leitura da obra de Carla Madeira passa, também, por entendermos a duplicidade experimentada pelo artista contemporâneo em relação à tradição literária. Perrone-Moisés, com base nas reflexões do filósofo Jacques Derrida (1930-2004), chama a atenção para dois temas fundamentais e que se inter-relacionam na atitude dos autores contemporâneos ao lidarem com o legado estético da “alta modernidade”: a literatura como herança e os espectros da modernidade literária.

O tema da herança literária aparece, inicialmente, como um dom. As grandes obras do passado são consideradas um “bem a que se tem direito” (Perrone-Moisés, 2026, p. 51). A autora descreve, com um grão de ironia, as ações dos herdeiros – leitores e escritores – com o legado recebido. A dilapidação dos bens, como sói acontecer com aqueles que não compreendem a importância do legado, implicaria numa “infinidade de pequenas obras de mero entretenimento, ou nem isso” (Perrone-Moisés, 2026, p. 50). Entretanto, aqueles que compreendem o peso da herança e desejam ser dignos dela se dedicam a uma reinterpretação da literatura por meio de novas obras: “Ser fiel à herança não é deixá-la intacta; é transformá-la, relançá-la, mantê-la viva” (Perrone-Moisés, 2016, p. 52). Ao lermos a obra de Carla Madeira, é nítido o trabalho em honrar o legado recebido como um “potencial inesgotável que deve ser constantemente desconstruído, isto é, reinterpretado, e lançado ao futuro” (Perrone-Moisés, 2016, p. 52).

Como Janus, o herdeiro propõe perpetuar o legado, projetando o tempo vindouro, mas, igualmente, precisa aprender a se relacionar com o passado. Herdar, também, acarreta um trabalho com a memória do passado, cujos resquícios são densos de significados, persistentes e relutantes de se retirarem. Portanto, o passado não é apenas benfazejo, mas pode ser “um fardo” e, para a atual literatura, o peso tem a ver com a dependência em relação ao passado:

A literatura de ficção da modernidade tardia é assombrada pelo espectro da alta modernidade. Qualificada de “pós-moderna”, ela carrega esse “pós” como um fardo do qual deseja

se livrar, mas que a condiciona de maneira persistente. As principais formas que a literatura contemporânea tem assumido são dependentes desse passado recente. Citação, reescritura, fragmentação, colagem, metaliteratura, todas remetem à história e às obras desse passado (Perrone-Moisés, 2016, p. 149, grifo nosso).

Voltando-se para o início do século XX, é possível ver o início de uma grande transformação no gênero romanesco com Marcel Proust (1871-1922), James Joyce (1882-1941) e Virginia Woolf (1882-1941), inaugurando uma prosa densa de significados psicológicos; a cisão digressiva temporal e agudas reflexões filosóficas (Perrone-Moisés, 2016, p. 85). Desse modo, “na literatura contemporânea, o tempo aparece menos sob forma de história linear e progressiva do que sob forma de memória estilhaçada e desordenada” (Perrone-Moisés, 2016, p. 149). Em relação à representação do passado por uma memória sobrecarregada e esfacelada, ela enseja o caráter fantasmático que assombra a atual literatura:

Em todas as épocas, a memória foi indispensável aos homens para avançar no futuro. Mas em nossa época, ela mais pesa e desorienta do que auxilia. Jamais o homem carregou uma memória histórica tão vasta quanto a atual. E a memória recente, a do século XX com suas guerras e horrores, é culpabilizante. Daí a frequência do tema do espectro na literatura contemporânea. O espectro é o morto mal enterrado, que volta para cobrar alguma coisa mantida em instância. Por outras palavras, é o passado que se recusa a morrer (Perrone-Moisés, 2016, p. 150).

Assim, a figura do espectro traz à tona o conflito decorrente do par herança e dívida resultante da relação entre vivos e mortos: “segundo Derrida, estamos hoje nos explicando com vários fantasmas, isto é, mortos que enterramos prematuramente” (Perrone-Moisés, 2016, p. 151). Ao herdeiro resta o lugar da filiação e “Três atitudes [...] suscitadas pelo espectro: o luto, a consciência das gerações, o trabalho do espírito” (Perrone-Moisés, 2016, p. 151). O herdeiro, assim como pode fazer bom ou mau uso da herança, também pode encarar os espectros herdados de modo positivo ou negativo:

O herdeiro é responsável em face do fantasma. Mas a resposta que o herdeiro pode dar é dupla: uma resposta passiva, que consiste em reafirmar o que veio antes dele, ou uma resposta ativa, que consiste em dizer “sim” ao fantasma, sem se comprometer a deixar a herança intacta, mas, pelo contrário, ser capaz de transformá-la e dar-lhe uma nova vida. “O próprio de um espectro” diz Derrida, “é que não se sabe se, ao voltar, ele é testemunha de um vivo passado ou de um vivo futuro” (Perrone-Moisés, 2016, p. 152).

É este o desafio da literatura contemporânea, “assombrada” pelos fantasmas da “alta modernidade” que não “cessa[m] de voltar”, e que “se ressent de uma situação desajustada e potencialmente terminal” (Perrone-Moisés, 2016, p. 168). Se o espectro retorna para exigir solução para situações não resolvidas, cabe ao vivo invocá-los “para pedir-lhe explicações” (Perrone-Moisés, 2016, p. 168). Por conseguinte, a literatura contemporânea, ao encarar reflexiva e criticamente o legado literário, consegue produzir uma resposta positiva para as heranças espectrais: “A presença fantasmagórica do passado no presente é, ao mesmo tempo, uma exigência de memória e um estímulo aos vivos, para que estes a usem em benefício do porvir” (Perrone-Moisés, 2016, p. 169). Passamos, assim, à resposta formulada por Carla Madeira, em sua obra, ao desafio do diálogo com a tradição da chamada “alta modernidade”.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mas você deixa tudo/ deixou/ você deixa mágoa/ deixou/ você deixa frio/ deixou/ e me deixa na rua/ deixou. /Você jura, jura, jurou, /você me despreza/ prezou,/ você vira a esquina/ esquinou/ [...] pra mim não tem jeito/ não tem beijo final/ e não vai ter happy end/ e não vai ter happy end/ e não vai ter happy. (Tom Zé, 1972).

Para abordarmos os resultados alcançados pelo Ciclo, em seu objetivo principal de leitura da obra de Carla Madeira, tendo como eixo a questão da “herança espectral” na literatura contemporânea, começamos com a avaliação de satisfação dos participantes. Do total dos 21 participantes, 9 responderam, voluntariamente, às questões. Em geral, as respostas foram extremamente positivas, no que tange à organização e conteúdo das atividades, conforme as porcentagens registradas:

➔ **88,9%** consideraram o material utilizado adequado ao propósito de acesso qualificado à literatura e que a abordagem teórica foi adequada aos temas selecionados;

➔ **100%** consideraram a dinâmica dos encontros apropriada ao objetivo de leitura das obras selecionadas e significativa a relação estabelecida entre a literatura e outras artes (cinema, pintura, música, etc) para a compreensão dos romances;

➔ **88,9%** concordaram que a comunicação sobre as atividades foi eficiente;

➔ **22,2** tiveram as expectativas iniciais atendidas quanto à proposta do Ciclo, para 11,1% foram parcialmente atendidas e para 66,7% foram superadas.

Houve questões abertas nas quais os respondentes fizeram contribuições construtivas quanto às atividades. O caráter interdisciplinar do projeto foi grandemente valorizado, proporcionando discussões enriquecedoras que conectaram áreas como Filosofia, História e Artes. Essa abordagem ampliou, significativamente, os horizontes interpretativos dos participantes e foi percebida como um diferencial na qualidade das atividades propostas. Para atividades futuras, entre as principais sugestões, foi apontada a necessidade de aumentar o número de encontros para evitar a densidade excessiva das discussões e a inclusão de intervalos maiores entre as sessões, permitindo que os participantes realizem a leitura das obras com mais tranquilidade.

Os participantes também destacaram o valor da experiência coletiva, ressaltando como a troca de diferentes perspectivas enriqueceu a compreensão dos textos e incentivou leituras mais sensíveis e aprofundadas. Desse modo, o projeto superou expectativas em termos de qualidade e aprofundamento, sendo descrito como uma experiência transformadora e impactante na formação dos envolvidos, o que era, justamente, o escopo da proposta sobre o acesso e o ensino da leitura literária.

Visando a exemplificar a experiência de leitura partilhada pela comunidade de leitores do Ciclo, abordamos, sucintamente, o romance *A natureza da mordida* (2018), obra na qual o trabalho com a tradição literária se faz mais explícita e estruturante entre os livros de Carla Madeira. Em sua estreia literária – *Tudo é rio* –, às personagens incidem aflições que revelam algo além do lado dúbio e controverso da vida; explora o caráter volúvel das escolhas e como o ser humano vai se moldando às transformações e implicações idiossincráticas das mesmas, dentro daquela primeira tendência na literatura brasileira, “a literatura do contra”. De modo diferente não o é em *Véspera*, o frágil fio das relações é exposto

em uma saga familiar; repressão, preconceito, medo e inveja são alguns dos temas que prefiguram essa nudez humana transposta na escrita de Madeira.

Em consonância com o estilo que Carla Madeira delineou, já em seu primeiro romance, a natureza do fenômeno *humano, demasiado humano*<sup>4</sup>, irrompe mais uma vez na segunda obra, *A natureza da mordida*. Carimbando sua marca, o segundo livro é este perene devir sem respostas da vida, tendo como tema central o abandono. A narrativa sobre a história de Olívia – jornalista em pleno luto pela morte da amiga Rita e no esforço de compreender os abandonos que a marcaram – e Emma/Biá – psicanalista “decindida” pelo trauma das relações rompidas com Teo e a filha de ambos, Teresa, sofrendo um processo demencial e em luta com o próprio corpo – aponta para o aspecto fantasmático dessas recordações que seguem assombrando a vida das duas protagonistas.

Devido à sua densidade, um trecho do segundo romance foi escolhido como o ponto de partida para a apresentação do Ciclo, em paralelo, com a obra *Celacanto provoca maremoto* (2004) de Adriana Varejão, no cartaz do evento<sup>5</sup>, aludindo à forma de se relacionar com a tradição dentro da arte contemporânea:

4

Alusão à obra de aforismos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Fez uma parede inteira de azulejos pintados à mão com bico de pena que simplesmente me hipnotizava. [...] Uma vez vi numa revista a foto daquela parede e estremeci de emoção. [...] É a sensação de estar subitamente diante de uma compreensão nuclear, compacta, que por um segundo reveste toda a vida que já passou e a que está por vir de algo precioso (Madeira, 2022, p. 117-118).

Desse modo, unir ambas obras, plástica e literária, nos permitiu apontar convergências da fatura artística própria da contemporaneidade, especialmente, o retorno da tradição em diferença. No fazer artístico de Adriana Varejão, a técnica portuguesa de azulejaria barroca ganha outras dimensões, com novas escalas e a transformação das sobreposições da restauração dos murais barrocos resultando em uma técnica reflexiva e criativa, mesclando arte erudita e arte das ruas, ao citar o grafite *Celacanto provoca maremoto*. A artista relata seu impacto diante desse processo descontínuo de reconstituição do passado:

Eu pesquisava em um livro de arte religiosa barroca brasileira e me deparei com uma imagem do claustro do Convento de São Francisco, em Salvador. Nesse quadro, já vejo o prenúncio de muitas coisas que vieram depois. A descontinuidade dos azulejos colocados fora do lugar, a substituição do motivo representado no painel por outra paisagem, quase chinesa, o uso de tons de azul e branco, a espessura... muita coisa já estava anunciada ali, no quadro. Voltei a essa azulejaria do Convento de São Francisco um sem-fim de vezes e de muitas maneiras. É um conjunto monumental, impressionante (Varejão, 2022, p. 97, grifo nosso).

É interessante notar como esta visão alumbrada aparece no fragmento do romance de Carla Madeira, quando uma das protagonistas, Olívia, vê e se emociona diante do painel de azulejos da artista plástica Luciana, mãe de sua grande amiga Rita. Por outro lado, se Varejão retoma e redimensiona os azulejos para contar aspectos do processo colonial solapados, na obra de Madeira, as citações literárias funcionam como estes azulejos restaurados e deslocados do desenho original. No romance, as citações formam um painel que recompõe, palimpsesticamente, as histórias de Biá e Olívia. Assim, como a artista plástica, Carla Madeira realiza uma composição que mescla obras eruditas e obras da chamada

5

Disponível em: <[https://artsandculture.google.com/asset/celacanto-provocamaremoto/hwH2WWUak\\_sHMIQ?hl=pt-BR](https://artsandculture.google.com/asset/celacanto-provocamaremoto/hwH2WWUak_sHMIQ?hl=pt-BR)>. Acesso em: 21 ago. 2024.

“cultura de massa”, especialmente, o melodrama, como o folhetim *televivo A escrava Isaura*. Ainda são fundamentais, dentro da obra, a menção à música, sejam clássicas ou populares que acompanham o enredo, e a inserção descritiva de fotografias e pinturas, criando quase uma galeria de arte.

Logo, as heranças e os espectros de *A natureza da mordida trazem*, tanto a dubiedade do papel do artista contemporâneo, no diálogo com a tradição; quanto à duplicidade inerente à contraditória condição humana que aparece na metáfora que dá título ao livro: “A vida, [...] gosta de nos exibir a extensão da mordida que nos dará com deboches e ironias ao invés de dentes” (Madeira, 2022, p. 19). No que diz respeito à construção das personagens Olívia e Biá, há uma busca comum por uma reconciliação com o passado, marcado de inquietações e angústias. O livro possui uma atmosfera de suspense e mistério enquanto as histórias vão, paulatinamente, sendo reconstituídas, trabalhando as lacunas e rastros das memórias das personagens – em meio a tantos outros temas, além do abandono. Nesse sentido, Olívia segue a recomendação de falar com os “espectros” para sair de um lugar secundário e esquivo, a defesa encontrada diante da violência traumática, para ocupar a primeira fila da própria vida.

Ora, é, então, a partir de duas personagens, Olívia e Biá, que os temas do livro se agudizam. Biá, dada a idade, é substancialmente perspicaz em sentenciar suas reflexões sobre as coisas da vida, aquelas passíveis de respostas ou não; enquanto Olívia, ainda jovem, agarra-se ao não dito da perda e do abandono. Biá reflete a possibilidade da morte ser, de fato, um fim e ela já não luta “para introduzir no tempo de cada dia eternidades” (Madeira, 2022, p. 16-17). É muito provável que essa morte absoluta e renúncia pela eternidade seja restrita à própria personagem, a despeito de que a própria Biá se torne uma porta-voz de uma imortalidade literária no romance: “Algumas coisas que li não se contentaram com minha memória, caíram no meu sistema digestivo, e eu as incorporei como a um bom bife. A ponto de não saber mais se são minhas as palavras que digo ou se eu deveria viver entre aspas” (Madeira, 2022, p. 79).

Se Olívia e Biá buscam (re)conciliar os bens/males herdados do passado, Carla Madeira reinventa, através das citações, grandes nomes da literatura para se fundirem ao enredo. O tema da morte/imortalidade se revela crucial para demarcar a herança literária na escrita de Madeira. O texto do romance é entremeadado de inúmeros fragmentos de autores como Liev Tolstói, Victor Hugo, Wisława Szymborska, Charles Baudelaire, James Joyce, William Shakespeare, Gabriel García Márquez, etc. Em relação à literatura brasileira, há a presença de escritores como Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Paulo Leminski, Guimarães Rosa, Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, os três últimos retomando uma paisagem literária mineira, principalmente, no desejo de universalidade a partir da transfiguração dos temas locais. De todas as obras incorporadas à trama textual, sem dúvida, “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa (1962, 1ª ed.) ajuda a formar o eixo central da trama de Biá e, a partir da conexão entre literatura e fotografia, a psicanalista alegoriza a sua paixão fracassada pelo fotógrafo Teo, o isolamento, o abandono e a solidão que ambos vão experimentar:

Sinto que esse homem pra sempre no meio do rio, esse rio largo com jeito de mar, em sua

canoa sem movimento mais forte do que a correnteza, pois o rio é manso e lento... esse homem distante, mas diante dos que o amam... sinto... que posso fotografar a solidão. — E abrindo os olhos ainda me disse: — É lindo ver você sair de si (Madeira, 2022, p.78).

Se a história de Olívia é impactada pela beleza dos azulejos da casa de Rita, a história de Biá ganha o registro doloroso, à moda de Drummond: “Itabira é apenas uma fotografia na parede/ Mas como dói” (Andrade *apud* Madeira, 2022, p. 170). Além da relação de Biá e Teo, há a filha do casal, Teresa, que sofre a questão do abandono paterno e a fotografia aparece como uma tradução disso:

A última foto de meu pai comigo quem fez foi minha mãe. Eu sei de cor cada detalhe. Ele vestia uma blusa branca de malha, larga e mal-arrumada, estava descalço e descabelado. Eu vestia uma camisa dele, imensa, e estava sentada no chão agarrada em suas pernas...(Madeira, 2022, p.188-189).

Ao explorar a relação da literatura com a imagem reforça-se a percepção de estarmos numa época voltada para os espectros. Podemos pensar na fotografia “como pertencente à espectralidade: ela torna visível o que já é passado, o que já morreu” (Perrone-Moisés, 2016, p. 155). O poder do registro fotográfico de eternizar momentos potencializa a narrativa à medida que a personagem Biá recorda a sina de um grande amor, demonstrando como a faceta do clique intermedeia início e fim da relação:

Enquadrou, aproximou, inclinou e clique!, fez a primeira fotografia de sua exposição: um olhar sobre a universidade. Ao revelá-la em seu quartinho escuro, o que foi que você viu? Eu. Lá no canto, afastada, sentada debaixo de uma árvore, lendo. Você não me viu na hora em que fez a foto, foi preciso antes uma revelação para que eu aparecesse. Pego de surpresa, tentando decidir se eu havia estragado ou dado um sentido a mais ao seu projeto, segundo suas próprias palavras, começou a se apaixonar. Ao me ver intrusa, passou a me ver, e isso me foi dito na primeira vez que fizemos amor (Madeira, 2022, p.169).

Pode-se engendrar, aqui, a análise da fotografia como uma insígnia do espectro, e a memória, ainda que estilhaçada, é porta-bandeira da herança. No fim, a fotografia não é como a memória que pode nos trair, e, no enredo, ela situa a seu modo explícito, demarca os acontecimentos. Ela reverbera, então, na prosa, em sua condição de aparição – perene fantasmagoria –, anunciando, agora, o fim das coisas: “O belo é tão útil quanto as coisas úteis, disse ele. As rosas ficam! – disse Biá, aumentando a voz. – E que fiquem eternamente, como nas fotografias de Teodoro, pai de minha filha, meu amor perdido” (Madeira, 2022, p. 32). O excerto mostra o desejo da personagem de que as fotografias cumpram o seu papel, uma vez que é algo simbólico dessa relação, ao contrário da sua memória que, já decadente, não tem forças para as incidentais reflexões.

O fato é que você veio e me mostrou que a garota circulada por uma caneta preta em todas as fotografias era eu. Fora eu quem o inspirara, e, sem que eu tivesse tempo de saber o que senti, você me convidou para sair. “Chega de não me ver!” Foi o que você disse. E eu sei que meu amor por você começou nesse momento. Mas hoje, Teo, aqui no meu quarto, o seu amor por mim é só uma fotografia na parede (Madeira, 2022, p.170).

Reafirma-se a incidência do fenômeno contemporâneo: a fotografia e seus espectros de um amor findo alçando uma viagem no tempo. Se a memória Biá já não conseguia definir o que era seu ou herança literária, a fotografia, de modo diferente, ajuda a tecer e entamar os fios dessa história.

Em paralelo à história de Biá, Teresa e Teo, há a relação de amizade entre Olívia e Rita, envolta de um mistério mais profundo em torno do abandono. Se Teresa é abandonada pelo pai, Olívia é rejeitada por Rita, sem grandes ou mínimas explicações, deixando um rastro espectral de uma amizade outrora forte e acolhedora. A história de Rita e Olívia, curiosamente, tem um tom espectral, assim como as fotos de Teo, mas o espectro de Olívia só encontra o suporte da memória.

Minha mãe quis me manter ali com eles, mas eu escapuli, com medo de que o cheiro de cigarro me denunciasse o vício, e quando por costume me virei para encostar o portão, pensei ver o vulto de Rita já desaparecendo nos fundos da casa por onde eu sempre passava quando subia a grade que dava em seu quarto. [...] E foi assim que adormeci às vésperas de um dos piores dias de minha vida (Madeira, 2022, p.134-135, grifos da autora).

Do “vulto” de Rita desencadeia a saga do abandono que persistiu anos sem explicações, o ínfimo momento eternizado pela memória, a perda de uma amizade emerge como uma aparição; “pensou ver” o fantasma de Rita, esse lapso de luz que cortou a visão, mas não conferiu a certeza. Mais uma vez o espectro atravessa a narrativa em seu caráter volúvel, fugidio, digressivo e desconfortável, marcando aquilo que é própria à arte contemporânea.

Por fim, podemos fazer uma nova inter-relação com outra arte que também explora os fantasmas: o cinema. Em *Retratos Fantasmas*, Kleber Mendonça aborda, de forma metalinguística, o medium de registro em contraponto às perdas irreparáveis que deixam apenas seus vestígios a serem decifrados, sobrevivências frágeis e precárias. A música “Happy End” de Tom Zé pontua esta agridoce compreensão do finito das coisas e das relações. Tal e qual a ironia dilacerante de A natureza da mordida, em cujo reencontro entre as duas antigas amigas se instala o trágico, intempestivo e irreversível, já que para Rita e Olívia também “*não vai ter happy end*”.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** “*porque os livros nunca me tiraram de mim, sempre me devolveram a mim*” (Madeira, 2022, p. 79).

Este artigo buscou apresentar a dinâmica da atividade extensionista *Ciclo de Leitura - LEIA para viver* (3) que buscou promover a leitura da obra da romancista mineira Carla Madeira, dentro do marco das questões da literatura contemporânea. Diante da metodologia adotada, da discussão teórica estruturada e dos resultados alcançados, podemos afirmar que a proposta central do projeto para a oferta e o ensino de literatura, cumpriu aquilo que nos legou Antonio Candido em “O direito à literatura” (2011b): entender e possibilitar a fruição estética que muito diz sobre a constituição humana em sua complexidade. Humanizar para viver!

**AGRADECIMENTOS** A todos os participantes do “*Ciclo de Leitura LEIA para viver*” (3) pela partilha de histórias e leituras.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011a, p. 241-260.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011b, p. 171-193.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 9. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

MADEIRA, C. **A natureza da mordida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

MADEIRA, C. **Tudo é rio**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MADEIRA, C. **Véspera**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

MARQUES, F. O caminho do best-seller. Como a publicitária Carla Madeira se tornou uma das escritoras mais lidas do país. In: **Revista Piauí**, Edição 196, Janeiro 2023. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-caminho-do-best-seller/>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RETRATOS FANTASMAS. Direção e roteiro: Kleber Mendonça Filho. Documentário/ 91'. Produção: Emilie Lesclaux. Coprodução: Sílvia Cruz, Felipe Lopes. Brasil: Vitrine Filmes, CinemaScópio, 2023.

ROSA, J. G. "A terceira margem do rio". In: ROSA, J. G. **Ficção completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SCHØLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TOM ZÉ. **Happy end**. Disponível em: <[http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/pop\\_tom72\\_happy.html](http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/pop_tom72_happy.html)>. Acesso em: 02 dez. 2024.

VAREJÃO, A. Adriana Varejão: Suturas, Fissuras, Ruínas. In: **Dasartes**, nº 121 | Ano 14, Julho 2022, p. 92-115. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/a-revista/dasartes-121/#magazine-embed>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

VAREJÃO, A. **Celacanto provoca maremoto**. 2004. Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/celacanto-provoca-maremoto/>>. Acesso em: 04 set. 2024.